

ATA DA IV REUNIÃO DO NÚCLEO DE ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS E INDÍGENAS DO CÂMPUS SÃO MIGUEL DO OESTE

Aos dois dias de setembro de dois mil e vinte e um foi realizada a quarta reunião ordinária do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas do câmpus São Miguel do Oeste. Participaram da congregação Diego Nones Bissigo, Noeli Moreira, Cristiane Brum dos Santos, Rafael de Sene Pereira, Alexandre Carneiro Lobo, Lucas Klein Wolff Pereira e Alessandro Eleutério de Oliveira. Após a aprovação da ata da reunião anterior, foram dados os seguintes informes: o senhor Alessandro irá participar, na qualidade de membro do NEABI-SMO, do projeto Juventudes Negras Periféricas: entre as cotas e o mundo do trabalho”; o senhor Fábio pediu desligamento do NEABI devido à sua redistribuição, o senhor Luís pediu desligamento devido à falta de tempo para participar do núcleo e estava verificando na AFRODESMO quem poderia substituí-lo. Após isso, foi feita a apresentação dos bolsistas vinculados ao projeto “O ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena nos cursos técnicos integrados do IFSC nos câmpus Gaspar e São Miguel do Oeste, Rafael de Sene (câmpus Joinville), Alexandre Lobo e Lucas Klein (câmpus São Miguel do Oeste). A professora Noeli se apresentou, aproveitou o ensejo para sugerir que um novo convite fosse feito para a comunidade do câmpus, via e-mail, para participação no núcleo tendo em vista o desligamento do senhor Fábio. O senhor Alessandro se ofereceu para enviar um e-mail ao DEPE para que isso seja efetivado. Depois disso, o senhor Diego fez sua apresentação sobre o capítulo IV, População de Origem Africana do Atlas de Santa Catarina (autoria de Diego Nones Bissigo e Beatriz Gallotti Mamigonian). O senhor Diego explicou que a sua apresentação ocorreria devido a necessidade de realização de estudos que fornecessem ao NEABI subsídios teóricos para a realização de futuras ações de ensino, pesquisa e extensão. O trabalho está relacionado à História Social e Construção do Estado. Explicou também de que maneira ocorreu o processo de concepção e editoração do Atlas. Discorreu também sobre as concepções dos organizadores da publicação, que seriam mais tradicionais, e as dos diversos autores, que seriam, em certa medida, mais críticas, em relação aos dados compilados e a sua apreciação. Resgatou algumas concepções estereotipadas sobre o imaginário catarinense sobre a sua formação sócio-histórica, que concebe um estado de exceção no país, constituído pela colonização europeia e no qual a população de ascendência africana seria um elemento meramente residual. A perspectiva adotada pelos autores apresentou dados demográficos correlacionados com as relações socioculturais e políticas historicamente engendradas que alicerçaram a sua produção ao longo dos recenseamentos. Dessa maneira, o autor afirmou que mais importante do que descrever os números em si, era mais importantes compreender o que está por trás da produção dos dados estatísticos demográficos. Foram abordados os recenseamentos de dados da província de Santa Catarina em 1820, no qual as cores dos sujeitos eram atribuídas pela tripartição pretos, pardos e brancos de acordo com o olhar do recenseador branco, de modo que o processo de coleta desses dados estava, portanto, à mercê de certa arbitrariedade psicossocial de acordo com os padrões socioculturais vigentes no período. Comparou a tabela de 1820 com a anterior, de 1796, na qual a tripartição se dava entre livres, forros e escravos, refletindo o estatuto jurídico dos sujeitos e não aspectos fenotípicos. Aqui havia uma subdivisão que hierarquizava ainda mais as pessoas, pois os forros e os escravos poderiam ser pardos ou pretos, de maneira que os pardos, em ambas

as condições eram considerados de modo um pouco mais positiva em relação aos pretos, de acordo com os valores socioculturais vigentes. Nesse caso, os livres também contemplavam pretos e pardos. Entretanto, suas presenças nesse grupo estavam inviabilizadas, dando-se a compreender que apenas brancos constituíam essa divisão. Uma sugestão de micro pesquisa foi feita pelo senhor Diego por meio da seguinte questão: “Será que em algum lugar são divulgados dados nos quais o branco não apareça em primeiro na hierarquia de como esses dados são divulgados?”. Além disso, fez várias interpretações destes dados, nos quais afirmou que Santa Catarina não era uma província desvinculada do restante do país, mas que possuía especificidades (nuances) que deveriam ser levadas em consideração para se compreender o processo de sua formação social, como por exemplo a condição do alforriado, aquele que possuía uma espécie de estigma social (“mancha”) que lhe não permitia ser realmente livre e portanto, ter acesso pleno à cidadania (como esta era concebida no período). Essa mancha não lhe permitia votar em todos os níveis durante o período de constituição imperial. A seguir, analisou a tabela referente ao recenseamento geral feito em 1872, após o conturbado Primeiro Reinado e o período das regências, marcado por rebeliões como a Farroupilha, Cabanagem e a Balaiada. No Segundo Reinado, o país estava “pacificado”, pois os movimentos de insurreição popular haviam sido esmagados e a ordem senhorial estava mantida. O governo de conciliação de Dom Pedro II era caracterizado pela alternância de conservadores e liberais no poder. A Lei Eusébio de Queirós garantiu o *status quo* vigente, ao atender as injunções da Inglaterra que preconizava o fim do tráfico e concomitantemente garantia a continuidade da escravidão do país, protegendo os interesses dos grandes latifundiários. Isso se refletiu no censo de 1872, baseado na tripartição pretos, pardos e brancos, que não mostrava os libertos. Dessa maneira, o senhor Diego chamou a atenção para “uma série de máscaras que o recenseamento põe sobre uma sociedade”, escondendo contradições ligadas à exclusão socioeconômica, ao apagamento cultural e ao racismo estrutural. Após a apresentação, os integrantes do núcleo discutiram várias questões ligadas à temática, como a situação dos imigrantes haitianos, que compõe uma minoria crescente na cidade de São Miguel do Oeste e no estado; a professora Noeli sugeriu como possível objeto de estudo a religiosidade destes imigrantes, que são evangélicos, a despeito de o Haiti possuir uma religião de matriz africana que é o Vodun; o senhor Alessandro pediu que a senhora Cristiane discorra sobre esse tema na reunião de novembro; e os processos de apagamento e invisibilidade das populações de matrizes civilizatórias africanas e indígenas. Nesse sentido, o senhor Alexandre resgatou a frase da filósofa Simone de Beauvoir: O mais escandaloso nos **escândalos** é que nos habituamos a eles, refletindo sobre a naturalização do racismo no imaginário e no cotidiano brasileiros. O senhor Diego afirmou que a atual geração, apesar de todos os problemas, tem trazido várias desconstruções sobre questões ligadas às relações étnico-raciais, e que, apesar dos retrocessos atuais, muitos “muros foram quebrados”. Ele falou sobre o recente contato que sua filha teve com a obra de Monteiro Lobato, escritor que faz parte do nosso “folclore”, mas que é um homem controverso, e “um homem de seu tempo”. Por essa razão, todas as editoras que publicam suas obras têm de fazer um “mea culpa”, por meio de notas explicativas e prefácios que permitam que o leitor compreenda o contexto histórico no qual o autor as escreveu, refletindo estereótipos racistas de personagens negras. Teceu também comentários sobre uma reflexão da senhora Noeli, que dizia respeito à própria existência de mecanismos classificatórios que refletem (e sob determinadas circunstâncias históricas) justificam a

própria estratificação social brasileira, resgatando à própria importância do IBGE, que coleta dados que podem ser positivados, na medida em que podem servir como subsídios para a implementação de políticas públicas. A senhora Noeli afirmou que seria importante que o Atlas de Santa Catarina fosse adquirido pela biblioteca do câmpus São Miguel do Oeste. A professora Noeli afirmou que as culturas negra e indígena influenciaram a cultura catarinense, sendo responsáveis por todo o multiculturalismo que alicerça a cultura do estado e brasileira como um todo. Lembrou de tradições como o “Boi de mamão” de Florianópolis, e que essas influências são perceptíveis na música, na história, na dança, na alimentação e na oralidade. Sobre a imigração haitiana, a senhora Cristiane afirmou que a sua pesquisa de mestrado não abordou especificamente a imigração haitiana na cidade de São Miguel do Oeste, tendo um enfoque mais genérico, mas também disse que seu trabalho com a Pastoral do Migrante desde 2019 tem permitido um contato maior com os haitianos da cidade. É difícil ter precisão em relação ao número de imigrantes na cidade devido à própria dinâmica do processo de imigração, que “nunca termina”. Falou sobre o caso de um imigrante que desejava obter um título de eleitor e a naturalização como cidadão brasileiro. Esta pessoa havia sido estudante do IFSC-SMO e recentemente emigrou para o Chile devido a fatores como a crise econômica brasileira. Ela afirmou que, por meio de uma pesquisa que tem realizado sobre a imigração infantil, tem tido acesso a outras fontes de pesquisa, como Banco Interativo do Observatório da Unicamp, que ela poderá abordar em sua apresentação para o núcleo, apresentando dados numéricos mais precisos sobre a imigração haitiana na região. Após isso, a reunião foi finalizada, encerrando as atividades do núcleo no primeiro semestre de 2021. Eu, Alessandro Eleutério de Oliveira, lavro esta ata que será apreciada na próxima reunião do NEABI-SMO.